

## AS DIFERENÇAS CULTURAIS E SUAS POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO

**Estélio Lopes Cardoso Munduruku**

Licenciado em Geografia pela UEA, indígena do povo Munduruku

E-mail: esteliocardoso70@gmail.com

**Ytanajé Coelho Cardoso**

Mestre em Letras e Artes, escritor Munduruku, professor colaborador da UFAM

Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Escolar Indígena e Etnografia

E-mail: ytanaje\_2011@hotmail.com

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo analisar nos teóricos do tema estudado os principais conceitos que norteiam com maior ênfase identidade e diferença, visando entender a concepção de cada autor sobre a compreensão do fenômeno cultural humano marcado pelo ato de pertencimento dos povos, apresentando os caminhos percorridos acerca da clareza significativa dos conceitos sobre o outro como diferente. Nesse viés, é fundamental que toda concepção negativa seja desconstruída através do conhecimento educacional, principalmente no sentido afirmativo da identidade, pois o caminho do saber é essencial para a sociedade exercer a prática de desenvolvimento político inter-relacional, possibilitando a marca de pertencimento étnico no contexto da vivência cultural dos diferentes grupos sociais. A metodologia centra-se na análise bibliográfica baseada nos estudos culturais em: (CANCLINI, 2008) culturas híbridas, (HALL, 2003) identidade e diferença, (PETERS, 2000) pós-estruturalismos e filosofia da diferença, (WAGNER, 2010) a invenção da cultura e (SILVA, 2014) identidade e diferença, autores que se debruçam com maior clareza sobre o conceito de identidade. Desse modo, visamos observar também, no campo da educação, como o âmbito escolar favorece o valor à identidade cultural a partir das políticas públicas de direitos sociais presentes no ambiente educativo e assegurados pelos princípios sobre a diversidade cultural em nosso país.

**Palavras-chaves:** Identidade e diferença; Educação; Sociedade.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze in the theorists of the studied theme the main concepts that guide with greater emphasis on identity and difference, aiming to understand the conception of each author on the understanding of the human cultural phenomenon marked by the act of belonging of peoples, presenting the paths taken about the meaningful clarity of concepts about the other as different. In this bias, it is essential that any negative conception be deconstructed through educational knowledge, especially in the affirmative sense of identity, as the path of knowledge is essential for society to exercise the practice of inter-relational political development, enabling the mark of ethnic belonging in the context of the cultural experience of different social groups. The methodology focuses on bibliographic analysis based on cultural studies in: (CANCLINI, 2008)

hybrid cultures, (HALL, 2003) identity and difference, (PETERS, 2000) post-structuralisms and philosophy of difference, (WAGNER, 2010) a invention of culture and (SILVA, 2014) identity and difference, authors who focus more clearly on the concept of identity. Thus, we also aim to observe, in the field of education, how the school environment favors the value of cultural identity based on public policies of social rights present in the educational environment and guaranteed by the principles of cultural diversity in our country.

**Keywords:** Identity and difference; Education; Society.

## INTRODUÇÃO

É importante compreender o conceito de identidade e diferença, no que tange a afirmação de uma política de identidade e fortalecimento da luta pela igualdade de direitos entre diferentes culturas presentes em nossa sociedade. Utilizaremos autores que abordam o tema da identidade e da diferença como um fenômeno cultural da sociedade, através das análises de orientação sociológica e antropológica. Procuramos aprofundar nossa compreensão a partir dos estudos de Néstor García Canclini, Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva; autores que enfatizam com maior profundidade a ideia de identidade e diferença.

Assim, sabemos que vivemos num país que é o berço da diversidade cultural e é preciso que a educação trabalhe e assegure com maior relevância esse tema nas escolas públicas e particulares do ensino básico ao ensino médio, considerando ser o Brasil um país híbrido. Principalmente, de maneira a despertar no discente o olhar do respeito à diferença de outro sujeito existente no ambiente educativo.

Sem dúvida a identidade é a marca da diferença e nos mostra quem verdadeiramente somos quando fazemos parte de um grupo étnico social. Sendo assim uma marca importante que registra cada indivíduo enquanto sujeito social, que determina cada grupo étnico porque é uma identidade cultural que produzimos no campo social humano e centraliza essa relação de diferenças, principalmente em nossa nação. Para Barth (2000) é muito mais vantajoso considerar o compartilhamento da mesma cultura como uma consequência ou resultado ao invés de tomá-la como um aspecto primário da organização dos grupos étnicos.

## PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia centra-se na análise bibliográfica baseada nos estudos culturais em: (CANCLINI, 2008) culturas híbridas, (HALL, 2003) identidade e diferença, (PETERS, 2009) pós-estruturalismos e filosofia da diferença, (WAGNER, 2010) a invenção da cultura e (SILVA, 2014) identidade e diferença, autores que se debruçam com maior clareza sobre o conceito de identidade. Além disso, essa reflexão de estudos bibliográficos contribui principalmente ao ensino pedagógico

educacional, sendo baseada nos discursos das políticas de afirmação de identidade para educação e nos pressupostos teóricos que defendem uma compreensão e respeito à cultura, sendo vistos em autores em destaque, como os já citados Canclini, Silva e Peters. Desse modo, é cabível que observamos também, no campo da educação, como o âmbito escolar favorece o valor à identidade cultural a partir das políticas públicas de direitos sociais presentes no ambiente educativo e assegurados pelos princípios sobre a diversidade cultural em nosso país.

### **REFERENCIAL TEÓRICO**

“A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições [...]” (SILVA, 2014, p. 42), é possível analisar que toda diferença é seguida de oposição, conforme enfatiza o autor, então tanto na sociedade atual quanto nas sociedades antigas a humanidade foi sempre marcada pela diferença entre etnias, conforme “as dimensões políticas da identidade tais como se expressam, por exemplo, nos conflitos nacionais e étnicos e no crescimento dos ‘novos movimentos sociais’ estão fortemente baseados na construção da diferença” (SILVA, 2014, p. 40).

Por isso, podemos compreender que cultura é a principal identidade de um povo, mas segundo o autor o que resulta dessa marcação do diferente é a linguagem, como destaque disso “a identidade e diferença: elas são o resultado de atos de criação linguísticos” (SILVA, 2014, p. 76), assim é que tanto os movimentos sociais quanto os grupos étnicos tendem a ser diferentes não só pela linguagem, mas também pelo que esses grupos exercem em sua cultura.

Outro autor que concebe os estudos culturais da sociedade humana é Canclini. Sua abordagem é pela forma como a cultura se dá em diferentes grupos, enfatizando que “a primeira hipótese é que a incerteza em relação ao sentido e ao valor da modernidade deriva não apenas do que separa noções, etnias e classes, mas também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (CANCLINI, 2008, p. 18).

Desta feita, o processo de mistura sempre ocorreu nos tempos antigos, mas de modo menos acelerado, enquanto que nos dias atuais esses processos se intensificam cada vez mais por conta das migrações que ocorrem em todo canto do planeta. Hoje em dia é possível afirmar que as culturas tradicionais estão se intensificando culturalmente provendo a existência de novas tradições, e isso se dá pelo processo de hibridação. Assim, é uma relação natural que a sociedade humana produz e que “as hibridações descritas ao longo deste livro nos levam a concluir que hoje todas as culturas são de fronteiras [...]. Assim, as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (CANCLINI, 2008, p. 48).

Outra concepção teórica sobre identidade é a de Hall, ele argumenta que a sociedade vive em constante mudança fazendo surgirem novas identidades, resultando na fragmentação do indivíduo moderno, e “assim, a identidade é

realmente algo formado, ao longo do tempo [...]” (HALL, 2003, p. 38), são produtos sociais que geram uma variedade de diferentes oposições no sentido da identidade do sujeito. Pelo processo das interações culturais “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já existe dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que ‘é preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outro” (HALL, 2003, p. 39).

## **DESENVOLVIMENTO**

Compreendemos que os conceitos de identidade e de diferença são temas relevantes para a discussão da diversidade sociocultural dos povos, principalmente no momento atual em que a política educacional brasileira possui uma inclinação ideológica que acaba por projetar um discurso sobremodo conservador. Dos estudos realizados fizemos a opção de trabalhar os conceitos de diferença e identidade nos autores já citados acima, os quais questionam o verdadeiro sentido da diferença e da identidade em todos os campos sociais e a forma como esses conceitos foram/são construídos. Podemos perceber que a identidade não é apenas vista como conceito, mas também como interação com outras etnias, e tanto nos tempos antigos quanto nos dias atuais essa interação sempre foi presente e fundamental para o desenvolvimento das sociedades, as quais vêm, constantemente, passando por processos de hibridação.

Nesse sentido, Canclini (2008, p. 19) entende hibridação como “[...] processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Com isso, vivemos esses processos pela transição de povos no campo étnico social, ocorrendo assim à fragmentação dos costumes tradicionais por influência de outras. Outra concepção que assegura essa afirmação na pós-modernidade é vista em Stuart Hall, que concebe a identidade como sendo “móvel”. Segundo sua análise, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2003, p. 12). Conforme a perspectiva do autor, as identidades são assim, dinâmicas, e a cada momento elas vão se reconstruindo culturalmente pelo processo direto da globalização em que as culturas passam por grande transformação socialmente na era da modernidade tardia. Por esta razão, é centrado no campo educacional, visando as possibilidades para um conhecimento mais abrangente sobre o modo de pensar os costumes tradicionais que regem em muitas sociedades culturais. Neste sentido, sabe-se que há inúmeros atos preconceituosos em relação à raça e ao gênero, tanto no meio escolar quanto na sociedade de modo geral. São paradigmas que precisam ser trabalhados com mais frequência, pois não basta só aceitar e tolerar a diferença, é preciso conhecer através da educação.

Dessa forma, estamos carregados por autoafirmação como, por exemplo: por ser brasileiro pertencente a um país e depois indígena pertencente a um

grupo étnico. É claro que existem muitos grupos sociais pertencentes a outros movimentos que lutam por seu direito na sociedade, tais como a igualdade de raça e gênero; a identidade e a diferença são configuradas de acordo com o pertencimento do sujeito na sociedade fazendo parte do movimento envolvente. Podemos, assim, dizer que em nosso país há muitas diferenças de classes sociais que lutam contra a discriminação centrada no país. Direcionada por essa razão, “A identidade é definida de forma relacional, puramente como uma função das diferenças no interior do sistema” (PETERS, 2010 p. 20).

Peters (2010) em seu trabalho *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença* retrata como era trabalhada a ideia cultural da sociedade humana; essa perspectiva era vista apenas como estrutura e não na relação que o homem tinha com o meio, importando apenas o interesse em estudar naquele momento os elementos linguísticos, sendo assim, “Saussure estava interessado na função dos elementos linguísticos e não em sua causa. Por exemplo, ele defendia a ‘palavra’ como um ‘signo’, formado por conceito e som – o significado e o significante” (PETERS, 2010 p. 20). Desse modo, Saussure e alguns autores, como Roman Jakobson, visavam apenas o meio linguístico como elemento que configurava a centralidade cultural e social, ou seja, eles enfatizavam a ideia do estruturalismo para compreender a relação dos povos com a estrutura. Sendo assim, “[...] o modelo linguístico, tal como concebido por Saussure e Jakobson, permitia análise científica da linguagem como um sistema de diferenças [...]” (PETERS, 2010, p. 15).

No entanto, a ideia do estruturalismo nos leva a pensar que as relações sociais e a diversidade cultural deviam ser entendidas através da estrutura. Muitos estruturalistas enfatizavam que a verdade e a realidade deveriam ser identificadas dentro da estrutura. Porém, quando se analisa por meio de estrutura, outros aspectos da sociedade são deixados de lado, sendo estes os princípios étnicos sociais da relação cultural, principalmente da sintonia do sujeito com a natureza. Dessa forma, é importante compreender não só o lado linguístico, mas acima de tudo entender o processo das manifestações culturais no sentido mais amplo da identidade e da diferença de cada povo. Guiado por essa visão mais geral da compreensão do campo social, o autor enfatiza outra ideia que contrapõe a visão estruturalista, essa ideia é a do pós-estruturalismo pensado mais na relação identitária. De acordo com o autor “[...] o pós-estruturalismo enfatiza a constituição discursiva do eu – sua corporeidade, sua temporalidade e sua finitude, suas energias inconscientes e libidinais – e a localização histórica e cultural do sujeito” (PETERS, 2010 p. 36).

Nesse sentido, podemos entender que a crítica do pós-estruturalismo ao estruturalismo se dá pelo fato de que não pode haver realidade ou verdade, são processos em que todos esses elementos devem ser entendidos como construções no sentido cultural. Sendo assim, essa nova ideia envolve uma análise partindo do princípio da história para poder entender os conceitos, principalmente das diferenças. Ressaltamos que a concepção teórica é vista em ambas as ideias, pois assim:

Podemos destacar, além disso, no estruturalismo e no pós-estruturalismo, uma mesma compreensão teórica geral da linguagem e da cultura, que são concebidas em termos de sistemas linguísticos e simbólicos nos quais as inter-relações entre elementos que os constituem são vistas como mais importantes do que os elementos considerados isoladamente (PETERS, 2010, p. 36).

Entendido isso, outro autor que enfatiza com maior relevância os estudos culturais da sociedade humana é o teórico e antropólogo Roy Wagner em sua obra *A invenção da cultura* (2010). Segundo sua análise, não se trata de entender o meio de produção cultural de outros povos, mas antes de tudo conceber o que eles têm como noção de cultura, assim o autor chama a atenção para como são inventadas as culturas a partir de sua ordem, e também sua análise propõe uma reflexão muito radical sobre o conceito de cultura, principalmente no sentido antropológico. “Assim, a cultura se tornou uma maneira de falar sobre o homem, quando visto sob uma determinada perspectiva” (WAGNER, 2010, p. 37).

O autor concebe esse entendimento de que o homem é um sujeito que está em constante produção cultural e social, por isso se faz importante compreender as relações de outros povos para então analisar a nossa própria cultura como sujeito da relação, pois “quando falamos de pessoas que pertencem a diferentes culturas, estamos, portanto, nos referindo a um tipo de diferença muito básica entre elas, sugerindo que há variedades específicas do fenômeno humano” (WAGNER, 2010, p. 38).

Desse modo, é no trabalho de campo que muitos antropólogos usam “[...] sua própria cultura para estudar outras, e para estudar a cultura de modo geral” (WAGNER, 2010, p. 39), assim alcançam a certeza de que é preciso conviver entre outros povos, só através deste contato compartilhado que conseguiremos obter a capacidade da noção de cultura, tanto sua seguridade quanto sua diversidade. O autor também dá ênfase sobre a importância das culturas, ele perpassa a ideia de que só através do ato relacional, do experimento vivenciado com outros povos, obtemos bom modo de pensamento do fenômeno cultural, “e é por isso que vale a pena estudar outros povos, porque toda compreensão de uma outra cultura é experimento com nossa própria cultura” (WAGNER, 2010, p. 61). Assim, fica explícito o sentido da invenção da cultura configurado na construção dos diferentes povos, e acerca disso o autor enfatiza que:

Toda expressão dotada de significados, e portanto toda experiência e todo entendimento, é uma espécie de invenção, e a invenção requer uma base de comunicação em convenções compartilhadas para que faça sentido – isto é, para que possamos referir a outros, e ao mundo de significados que compartilhamos com eles, o que fazemos, dizemos e sentimos (WAGNER, 2010, p. 109).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os primeiros dados desses estudos nos possibilitaram uma maior compreensão sobretudo na política de identidade como ato de afirmação na educação do nosso país, e de como enfrentar o maior desafio, que é o preconceito no ambiente educacional. Com este trabalho, espera-se contribuir numa perspectiva com maior ênfase para o currículo educacional no contexto escolar. Em suma, o objetivo geral deste estudo é analisar o conceito da diferença cultural no contexto da educação e suas relações com o trabalho docente na prática pedagógica. Quanto aos objetivos específicos, que são dois, o primeiro é estudar os conceitos de diferença e de cultura a partir dos trabalhos dos estudiosos do tema, e o segundo é levantar possibilidades pedagógicas nos contextos de diferenças culturais.

Entendido isso, nossos resultados até o momento se vinculam ao trabalho voltado para o primeiro objetivo específico, que, como citado, visa estudar os conceitos de diferença e de cultura a partir dos trabalhos dos estudiosos da área. Nesse sentido, conforme Silva (2014, p. 76), “a identidade e a diferença tem que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social”.

Em primeiro lugar, conforme os autores, só podemos compreender um espaço de um determinado povo se nos debruçarmos nos estudos baseados na certeza teórica, e isso nos leva a pensar numa perspectiva de um entendimento de pensamento mais aberto ao diálogo e a pensar, por exemplo, por que existem muitas lutas por visibilidade na sociedade. Um bom exemplo disso que abordamos aqui diz respeito às questões indígenas, aos poucos vamos conseguindo exercer importância no país ajudados por instituições que têm o conhecimento do pertencimento identitário indígena. Nesse meio tempo, passamos a fazer parte da sociedade e exercer alguns direitos conquistados, buscando a cada dia vencer outros desafios, sobretudo através de muitos diálogos, discussões e organizações de entidades, como movimentos estudantis indígenas e outras instituições parceiras que somam luta, força e resistência à paridade, principalmente das políticas afirmativas na universidade. Outro exemplo importante é a luta social de gênero, que busca principalmente o respeito por exercerem sua identidade na sociedade, e é por muitas ações políticas afirmativas e através da resistência que esse movimento possui seus direitos são conquistados. Da mesma forma acontece com a luta do movimento negro no Brasil, sua política segue a mesma razão das demais identidades de poder exercer aquilo que é e usufruir disso enquanto ser humano. No entanto, todos nós enquanto sujeito da relação de diferentes culturas e identidades, lutamos porque nos vemos ameaçados de exclusão social e somente assim é possível fazer essa análise mais concreta sobre a relação cultural de cada etnia através do conhecimento, que corresponde ao primeiro objetivo específico deste estudo bibliográfico.

Por esta razão, direcionado por essas reflexões, o foco da pesquisa se centraliza também no campo educacional, que corresponde ao segundo objetivo específico deste estudo analítico, visando às possibilidades para um conhecimento educacional mais abrangente no que diz respeito à diferença.

No caso da educação e da formação de professores em sociedades multiculturais e desiguais como o Brasil, adotar o multiculturalismo crítico como horizonte norteador significa incorporar, nos discursos curriculares e nas práticas discursivas, desafios a noções que tendem à especialização das identidades, entendendo-as, ao contrário, como construções, sempre provisórias, contingentes e inacabadas (SILVA, 2000; MCLAREN, 2000; CANEN & MOREIRA, 2001; CANEN, 2001 apud CANEN & OLIVEIRA, 2002, p. 61-62).

Desse modo, a noção de cultura deve estar empregada no currículo pedagógico da educação escolar, onde os ensinamentos perpassam desde os anos iniciais do ensino básico ao ensino médio. Com isso, os alunos desde pequenos têm a oportunidade de compartilhar seus próprios costumes e valores de vivências culturais por intermédio de outras, conforme “a valorização dos universos culturais das crianças e a crítica cultural a desigualdades e preconceitos a eles associados [...]” (CANEN & OLIVEIRA, 2002, p. 71), o trabalho no ambiente educativo se torna desafiador para muitos professores, mas nessa faixa etária dos alunos é fácil, porque a criança consegue obter o grau da clareza do respeito ao colega e da importância cultural explícita dentro da sala de aula. Além disso:

Ao construir sua prática pedagógica baseada nos universos culturais dos alunos, hibridizando o discurso biológico com outros provenientes de campos diversos como a antropologia, a música e a poesia, a professora acompanhada por nós produzia ressignificações da linguagem, subvertendo sentidos anti-racistas e trabalhando o multiculturalismo crítico (particularmente centralizado na questão racial) no nível da gênese discursiva da construção das diferenças (CANEN & OLIVEIRA, 2002, p. 73).

Nesse sentido, as autoras enfatizam que somente a partir da construção prática dos estudos da identidade e diferença é possível combater qualquer discurso antirracista através das ações afirmativas que acontecem tanto nas escolas quanto nos espaços culturais presentes na cidade. E só é possível no campo educacional no sentido da valorização em que todos os sujeitos compartilham os diferentes costumes sinalizados pela prática pedagógica que conta com um caminho de aceções comprometidas com a diversidade etnográfica, assim considerando o argumento, e de acordo com as autoras:



Perceber a prática pedagógica multicultural como uma prática que se constrói discursivamente, por causa de intenções voltadas ao desafio à construção das diferenças e dos preconceitos a ela relacionados, parece ser um caminho central para a concepção de uma formação de professores multiculturalmente comprometidos (CANEM & OLIVEIRA, 2002).

Um ponto importante é que os próprios profissionais da educação precisam ter comprometimento na formação dos sujeitos enquanto cidadãos sociais. Sendo assim, o professor formador é o alicerce para moldar a cognição crítica dos alunos, mas para isso é preciso que o assunto das identidades e das diferenças esteja no centro das atenções no debate literário escolar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao estudar a cultura de outro povo e ter a compreensão da importância dos conceitos relacionados à questão da identidade e da diferença, analisamos de que forma ela surge nesse ponto “circuito” da produção cultural, e de forma mais geral a relação da conexão que se estabelece entre ambas, desse modo nos deparamos com um verdadeiro universo de aprendizado, conhecimento e descoberta. Nesse sentido, também analisamos os processos envolvidos na produção de significados por meio de sistemas representacionais sobre o modo e o vínculo com o posicionamento dos indivíduos e com a construção de identidades no interior do sistema simbólico.

As sociedades vivem em constante mudança, ocorrendo assim à fragmentação das culturas tradicionais por influência de outras, e essas mudanças são um processo que toda etnia vive por diversos fatores, sendo estes muitas vezes pela migração em decorrência da crise econômica e conflitos territoriais. Com isso, diversas culturas transitam no mesmo espaço e é normal do ponto de vista antropológico o surgimento de novas culturas no processo de desenvolvimento étnico social. Além disso, o diálogo teórico serviu para a discussão das teorias psicanalíticas que sugeriu que, embora as dimensões sociais e simbólicas da identidade sejam importantes para compreender como as posições da identidade são produzidas, faz-se necessário entender essa análise, buscando compreender aqueles processos que asseguram o investimento do sujeito em uma identidade.

### **REFERÊNCIAS**

- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução: John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria;2000.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: estratégia para entrar e sair da modernidade; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. Ed. 4. reimpr. – Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, de. A. M, Ângela. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, nº 21, set, out, nov, dez, 2002, p. 61-74.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guiuacira Lopes Louro – 7. ed. – Rio de Janeiro, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**; tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica. 96 p. – (Coleção Estudos Culturais, 6), 2000.

SILVA, Tomaz. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify, 2010.